



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6380 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT04 - Didática

ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

Fabricio Oliveira da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Lecia Carneiro de Oliveira - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Andrea Santana de Oliveira - UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - Fapesb

ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA NA UNIVERSIDADE

1 INTRODUÇÃO

Apesar de existir uma tendência de se valorar a leitura e a escrita pelo viés da autonomia dos estudantes, sobretudo ancorado nas novas tecnologias, que dinamizam e até facilitam o processo, Pozo (2008) enfatiza a necessidade de que os professores universitários invistam no desenvolvimento de estratégias que promovam a aprendizagem da leitura, bem como da escrita. O ato de ler e escrever precisa ser ensinado na universidade, possibilitando outras formas de compreensões e reflexões que vão além da codificação que os estudantes fazem diante de textos, sejam eles impressos, ou virtualizados. Em mesma direção, Anastasiou (2004) enfatiza a necessidade de criação de estratégias de ensino que promovam as condições para que o estudante aprenda. Reunindo um conjunto de ações didáticas que o professor utiliza para desenvolver sua atividade docente, a referida autora considera que as estratégias evidenciam um movimento a que ela denomina de ensinagem.

Considerando que há uma questão central a ser pensada na atividade docente na universidade, que leva em consideração a relação professor e estudante, os modos de ensinar e de aprender leitura e escrita ancoram-se nos movimentos que o professor e o estudante fazem, para respectivamente, terem condições de desenvolverem os processos de ensinagem e de aprendizagem. Neste sentido, é de bom alvitre que se conheça essa relação e os referidos processos, considerando o cotidiano das práticas educativas que os docentes desenvolvem, a fim de que se possa elucidar modos próprios, didáticas específicas e estratégias que docentes

utilizam para viabilizar a promoção do ensino de leitura no contexto das diferentes áreas da universidade.

Deste modo, o presente trabalho tem o foco nas questões didáticas que envolvem práticas de leitura e escrita na universidade, tendo como objetivo central compreender as principais estratégias de ensino de leitura e de escrita que professores universitários desenvolvem na universidade, frente ao desafio de possibilitar aprendizagem dos estudantes. Tais pesquisas foram realizadas entre os meses de agosto de 2019 e julho de 2020, com a participação de oito sujeitos, sendo estes professores e estudantes de uma instituição de Ensino Superior Pública baiana.

2 TESSITURA METODOLÓGICA

O presente estudo possui natureza qualitativa, que de acordo com Minayo (2008), se fundamenta nos princípios da subjetivação, do trabalhar com o universo dos sentidos, significados, crenças, valores e aspirações. Em tal vertente, o estudo dos sentidos sobre a experiência humana deve ser feito buscando compreender o modo como às pessoas se relacionam, interagem, interpretam o que são e o que fazem. No presente trabalho em específico, a abordagem qualitativa nos ajudou a compreender, mediante as narrativas de professores e de estudantes que colaboraram com o presente estudo, quais são as estratégias de ensino e de aprendizagem da escrita e leitura científica que são desenvolvidas na universidade.

As entrevistas narrativas, utilizadas como dispositivo para a coleta de informações, foram realizadas individualmente, dentre os meses de fevereiro e abril de 2020. As mesmas foram gravadas, transcritas e categorizadas a partir da inspiração no método compreensivo e interpretativo, de Ricouer (1996). O processo de categorização se desenvolveu por núcleos temáticos, agrupados em torno de compreensões dos participantes ao que tange estratégias de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita. Assim, as concepções dos participantes foram mapeadas a partir das acontecimentos observadas na entrevista narrativa, por meio da qual os participantes foram livremente narrando suas experiências com o ensino e com a aprendizagem, na universidade em torno das questões inerentes sobre leitura e escrita. A entrevista narrativa, segundo Silva (2017), se configura, na abordagem (auto)biográfica, como um dispositivo que permite que conheçamos os saberes que um sujeito constrói durante sua trajetória de vida, formação e de atuação profissional.

3 A IMPORTÂNCIA DA ADOÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA NO ENSINO SUPERIOR

Salientando a importância das estratégias no ensino e na aprendizagem da leitura e escrita no meio acadêmico, Anastasiou (2004) afirma:

Estratégia: do grego *strategía* e do latim *strategia*, é a arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis, com vista à consecução de objetivos específicos. [...] Nisso, o professor deverá ser um

verdadeiro estrategista, o que justifica a adoção do termo estratégia, no sentido de estudar, selecionar, organizar e propor as melhores ferramentas facilitadoras para que os estudantes se apropriem do conhecimento (ANASTASIOU, 2004, p. 68-69).

Fica evidente que na sua ausência, as dificuldades tendem a surgir de um modo mais elevado, pois os estudantes se veem frustrados perante os desafios e a falta de instrução e diálogo com o professor. Neste aspecto, interfere também no próprio entrosamento docente-discente, visto que, os alunos nem sempre dispõem de habilidades para criar uma estratégia sem apoio professoral.

Com base nos levantamentos realizados, nota-se que a adaptação à vida universitária, à nova cultura textual e de escrita, aos modos subjetivos de se comportar frente a estas ações causam, por vez, frustrações pois os estudantes, de acordo com a dificuldade que chegam a universidade, sentem-se impotentes frente ao desafio de aprenderem a ler e a escrever nos critérios e rigores estabelecidos na universidade.

De outro modo, na percepção dos docentes, há uma forte expressão de que os estudantes deveriam chegar preparados para esta nova aprendizagem. Há com sutileza uma tirada de responsabilidade das suas mãos para culpabilizar a educação que os sujeitos receberam. Desta forma, a fim de buscar esclarecer a importância das relações dialógicas entre professores e estudantes, é válido mencionar, que ambos são sujeitos de extrema relevância para a construção da aprendizagem e posteriormente para o desenvolvimento de estratégias de ensinar e aprender a ler e escrever academicamente.

Do mesmo modo, o professor é também essencial neste processo, pois é sabido que:

Para que o ensino se efetive de maneira eficaz, os professores necessitam sanar essa deficiência trazida pelos alunos, letrando-os academicamente. Parte desses professores não faz nenhuma interferência que objetive auxiliar esses alunos, e a outra parte que se compromete com o desenvolvimento dos mesmos, quando buscam auxílio através de subsídios teóricos, encontra uma escassez imensa de metodologias voltadas para lidar com a linguagem na universidade (MELLO, 2016, p. 2).

Assim, conforme o que preconiza o referido autor, os professores acabam não dispondo de muitas estratégias que ensinem o estudante a ler e a escrever. Mello (2016) salienta a importância do papel do professor neste processo de auxiliar e se fazer presente na vida dos estudantes. Ao perceberem em que os estudantes carecem de mais conhecimento e orientação, é muito importante que os mestres disponham de subsídios aos aprendizes, a fim de sanar as dificuldades que são sentidas por estes, visto que, há um gênero textual específico da esfera acadêmica, o qual ainda é pouco conhecido por este público que chega a universidade. Pozo (2008) salienta:

Se os mestres não concebem seu trabalho de ensinar ou instruir como uma tarefa complexa e aberta, como um problema, diante do qual é preciso adotar estratégias diversas conforme as metas concretas, se ensinar é uma

tarefa monótona (POZO, 2008, p. 244).

Deste modo, o trabalho do professor em conjunto com os estudantes, precisa ser de conscientização das dificuldades e dos caminhos que existem para superá-las, assim como afirma Pozo (2008), que nos revela que mestres e aprendizes são sujeitos ativos no processo de ensinagem e de aprendizagem.

Sendo assim, a partir das narrativas, nota-se que os estudantes vão elencando no decorrer das suas falas, as estratégias de aprendizagem que utilizam para realizar as leituras e as escritas acadêmicas. Nesse sentido, Jheniffer[1] nos diz que:

Hoje eu não sinto mais tantas dificuldades, hoje, eu pego um texto pra ler, eu tenho muito mais facilidade de entender, eu acho que foi graças a isso, a sobrecarga de textos, e eu me sentir obrigada a dar conta, então eu li, criei essa rotina (Jheniffer, entrevista narrativa 2020).

Do mesmo modo, embora a necessidade e obrigação de ler, a rotina e o excesso de textos proporcionam ao estudante a autonomia de buscar formas para realizar a compreensão das leituras. Cria-se uma estratégia de sobrevivência, mas que é sofrível pois o estudante precisa em alguns casos, por si só, superar suas dificuldades. Algo similar se visibilizou na narrativa do estudante Ruan:

Mas, as formas que eu encontrava em algum texto que eu realmente tinha que ler, porque eu tinha que fazer algum trabalho ou tinha que apresentar em sala, eu sempre procurava ou falar com meus colegas, a gente fazia um grupo no WhatsApp ou se juntava na biblioteca para estudar juntos ou vídeos no YouTube, porque já era uma prática que eu tinha na escola e eu trouxe pra universidade (Ruan, entrevista narrativa, 2020).

Nos dois relatos, fica evidente que embora a leitura apareça como uma obrigatoriedade, os estudantes vão elencando modos próprios de encarar as dificuldades que emergem. Assim, buscam na sua formação acadêmica modos próprios de aprender, como sujeito autônomo, autoavaliando o processo, no qual afirmam obter avanços significativos, como a evolução do seu aprendizado.

Desta forma, listam estratégias que foram construindo, tais como a criação de uma rotina de estudos, participação em grupos coletivos em que a centralidade é a troca de saberes pela própria ajuda dos colegas e o uso das plataformas digitais para auxiliar no processo do seu aprendizado. Deste modo, os estudantes compreendem o quão significativo é desenvolver as estratégias de aprendizagem da leitura acadêmica, embora relatem que sentem falta do apoio e orientação do professor. A própria narrativa da docente Ana evidencia isso:

Quanto para enfrentar os textos críticos, é eu falo um pouco também da minha prática leitora, eu só sei ler é riscando, marcando, esquematizando

né, os textos teóricos eu só os estudo assim, e acaba que essa prática também avança para os literários também, fazendo pontes, é notas, é circulando, grifando eu sinto falta um pouco desse contato íntimo do texto da maioria dos nossos alunos (Ana, entrevista narrativa, 2020).

Aqui, a mesma não nos mostra que tais estratégias desenvolvidas por ela são ensinadas aos alunos. Há uma evidência de que a base que ela tem é uma, mas o ensino, o modo como realiza é outro. Sendo assim, se torna evidente o que relatam os estudantes, que pouco se ensina a ler e escrever academicamente.

Entretanto, mesmo que de forma rasa, nota-se uma inquietação com o ensino da leitura por parte de um dos docentes, visto que, é visibilizada em suas narrativas uma preocupação diante das dificuldades dos estudantes. Em seu relato, a própria docente revela que vem adotando estratégias para auxiliá-los, restabelecendo suas práticas e planejamentos para atender essa necessidade de superação:

E é por isso que eu tenho puxado esses momentos de leitura mais para a sala de aula para que a gente possa junto ir desvendando os sentidos desses textos e trazendo, confrontando ideias de leituras, é por isso que eu tenho reservado vários momentos de minha aula para leitura e discussão dos textos da disciplina. Os alunos gostam e agora com os grupos de whatsapp eles fazem o texto daquela determinada aula chegar ao máximo de colegas. [...] E quanto os textos mais complexos eu tenho optado por leituras mais verticalizadas diminuindo a quantidade dos textos pelo semestre (Ana, entrevista narrativa, 2020).

Deste modo, percebe-se que embora seja apenas a sala de aula o espaço interativo entre os sujeitos, que dialogam sobre as dificuldades, é revelado ser este um local de construção de conhecimento, no qual, a docente apresenta interesse pelos desafios e atenção frente ao aprendizado dos discentes. Tais estratégias são evidenciadas pela preocupação de abrir mão da quantidade de textos pela qualidade das aprendizagens, embora não seja notável a adoção de demais estratégias.

No que tange às estratégias de ensino da escrita, fica evidente que o desenvolvimento das mesmas varia de docente para docente. Há docentes que desenvolvem estratégias de ensino mais superficiais e há docentes que ao contrário, buscam desenvolver estratégias mais enfáticas, complexas, postas em prática no ambiente da sala de aula, como também fora dela. Assim, há relatos de diferentes estratégias, como se pode ver nas narrativas das docentes Sol e Flor.

Então, quando são propostas atividades escritas é, nós orientamos os alunos a consultar os manuais de trabalhos acadêmicos. Damos dicas, [...]. Tem muita coisa interessante sim. Há os manuais disponíveis na biblioteca da instituição (Sol, entrevista narrativa, 2020).

Então, nós estamos fazendo tipo um curso de extensão para lidar com a escrita. [...] O Instagram “Bússola Acadêmica”, uma outra estratégia

criada, para divulgação dos cursos de formação oferecidos[...]. Em sala de aula [...] eu geralmente faço um roteiro e reservo uma aula para trabalhar aquilo (Flor, entrevista narrativa, 2020).

Nota-se nas narrativas que cada docente tem uma maneira própria de lidar com as dificuldades de escrita dos estudantes e que de acordo com isso suas práticas e estratégias de ensino variam. Na estratégia apresentada pela docente Sol é possível perceber que sua principal estratégia restringe-se apenas à orientação e incentivo para que os estudantes procurem por manuais acadêmicos. Não se visibiliza em sua narrativa, um ensino efetivo da escrita em sala de aula. Assim, a docente nos apresenta uma estratégia um tanto superficial e frágil.

Notamos que tal atitude difere da prática da docente Flor, pois, a mesma busca desenvolver estratégias diversificadas, que incluem o ensino da escrita científica em sala de aula e fora dela, além de destinar um tempo em suas aulas para o ensino, que emprega para trabalhar os roteiros que auxiliam os estudantes nas suas dificuldades de escrita. Tal didática nos mostra um compromisso da docente para com a formação integral dos estudantes, pois, percebe que a aprendizagem da escrita se faz essencial para o seu desenvolvimento e sucesso na trajetória acadêmica. Posto isso, a postura apresentada pela docente Flor condiz com o que Castelló (2009) defende quando tal autor assevera que a escrita acadêmica possui especificidades que variam até mesmo de disciplina para disciplina, sendo assim necessário que cada docente realize um ensino prévio, antes de cobrar as produções textuais dos alunos.

Para além disso, fica nítido que a docente empenha-se no emprego de estratégias de ensino da escrita fora da sala de aula, com os cursos de formação, extensão mencionados e ainda fazendo uso das redes sociais, com o intuito de alcançar a maioria dos alunos. Percebemos, contudo, que a docente dispõe de um repertório de estratégias de ensino bastante amplo, criando didáticas específicas para potencializar o seu fazer na docência universitária, com visível preocupação com o ensino. Todavia, é válido destacar que práticas como essas fazem parte da rotina de uma minoria dos docentes. Tal informação se observa nas narrativas de dois estudantes.

Mas às vezes os docentes, eles solicitam um trabalho escrito. Eu vejo, eu percebi muito isso no início do meu, da minha graduação e eles não sinalizavam diretamente o que eles queriam (Petrus, entrevista narrativa, 2020).

De todo o meu um ano e meio que tô aqui apenas uma professora falou. Porque todos os outros querem parte escrita assim e assim. Introdução, desenvolvimento e conclusão, considerações finais né. Isso e aquilo. Ai fala que quer com formatação, com regras da ABNT, que você pode ver no site, não sei o que, aquilo. É uma coisa meio que jogada (Aline, entrevista narrativa, 2020).

Diante de tais falas, se evidencia que os estudantes não percebem o emprego dessas estratégias de ensino por parte dos docentes. O que aparece é a falta de orientações claras a respeito do que se espera da escrita dos estudantes. Ocorrendo uma prevalência de indicações

de leituras, em detrimento de um ensino efetivo. Portanto, a aplicabilidade das estratégias de ensino parece fazer parte das práticas de poucos docentes.

4 RESULTADOS

A partir deste estudo, foi possível compreender que há uma dualidade nas estratégias de ensino da leitura e escrita, pois estas variam de docente para docente. Há docentes com o desenvolvimento de estratégias mais superficiais, mas há, também, docentes que dispõem de melhores estratégias de ensino, com um repertório mais diversificado. Compreende-se, desta forma, que ambos perfis de docentes têm ciência da importância das estratégias de ensino da leitura e da escrita científica. Embora para alguns não seja o ensino de leitura e escrita o foco das suas práticas educativas, visto que acreditam que o próprio estudante deve chegar à universidade com esses saberes desenvolvidos.

Da mesma maneira, foi possível perceber de acordo com as narrativas dos discentes, que eles vão adotando estratégias de aprendizagem subjetivas para desenvolver a leitura e a escrita acadêmica, dispondo de um repertório muito rico de estratégias. Estes, que também passam por muitas dificuldades, se descobrem ao longo do processo acadêmico, vão se adaptando de fato no desenvolvimento dessas estratégias, reconhecendo melhorias no desempenho.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho revelou como é importante trazer à baila às questões de leitura e escrita para serem adensadas ao campo da didática, logo com preocupações com o ensino de leitura e escrita que devem se presentificar, nas ações educativas dos professores. De igual modo, conclui-se que a aprendizagem da leitura e escrita é tecida, também, pela inventividade e autonomia do estudante, que frente às necessidades e dificuldades, encontra e constrói estratégias para aprender a ler e a escrever na vida universitária.

A pesquisa evidenciou que as questões de leitura e de escrita serviram de base para fundamentar a percepção do quanto é importante discutir temáticas como estas, a fim de salientar a relevância de estratégias que implicam diretamente no modo como os estudantes e professores se relacionam academicamente na universidade.

Palavras-chave: Leitura; Escrita; Ensino Superior; Didática; Estratégias

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L. P. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade:** pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC:

UNIVILLE, 2004.

CASTELLÓ, Montserrat. Aprender a escribir textos académicos: copistas, escribas, compiladores o escritores? In: POZO, Juan Ignacio. et. al. **Psicología del aprendizaje universitario: la formación em competencias**. Madrid. Ediciones Morata. 2009. Cap. 7.

MELLO, M. T. de. Estratégias de compreensão leitora na universidade. Linguagens & Cidadania, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. 21ª ed. Petrópolis: Vozes. 2008.

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

RICOEUR, P. **Teoria da interpretação**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996

SILVA, Fabrício Oliveira da. **Formação docente no PIBID: Temporalidades, Trajetórias e Constituição Identitária**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc - Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia. 2017b. 220fls.

[1] Conforme preconizado no projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, os nomes são fictícios para preservar a identidade dos colaboradores.